

O ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA DOCENTE EM UMA ESCOLA RURAL, PARINTINS-AM.

Ana Paula Melo Fonseca (1); Lindalva Sâmela Jacaúna de Oliveira (1); Virgílio Bandeira do Nascimento Filho (2).

*Universidade do Estado do Amazonas- Centro de Estudos Superiores de Parintins-UEA/CESP,
anafonseca23@outlook.com, lindalva1802@gmail.com, virgiliofantarem@hotmail.com.*

RESUMO:

O presente artigo objetivou não apenas descrever as etapas do estágio supervisionado, mas também nos serviu como um ponto de partida para compartilhar experiências vividas com os conhecimentos adquiridos no decorrer do curso de pedagogia, isto é, na interação com o mundo da prática. Realizamos o estágio em três turmas da educação infantil, do turno vespertino, composta pelo Maternal, I Período e II Período. A pesquisa teve a abordagem qualitativa Borges e Mourão (2012), Chizzotti (2006) e a técnica de pesquisa observação participante ativa, Trigueiro (2014). Dessa forma, compreendemos a importância desse momento para a construção da formação pedagógica, diante de um contexto rural, onde os sujeitos e suas características se definem pelo seu modo de vida. No período da aplicação do projeto de ensino e aprendizagem foi à oportunidade de compreender e analisar a prática de uma maneira mais aproximada da realidade para assim possibilitar um melhor relacionamento com a práxis. O estágio supervisionado de uma forma geral nos ajudou a perceber que a teoria e a prática devem caminhar juntas possibilitando reflexões acerca da prática docente.

Palavra-Chave: Educação Infantil, Estágio Supervisionado, Prática docente.

1- INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto das experiências de Estágio Supervisionado realizado por discentes do curso de pedagogia do Centro de Estudos Superiores de Parintins, CESP /UEA. Antes de entrarmos nas discussões sobre as vivências do Estágio é importante que se compreenda alguns conceitos que envolvem o estágio como pesquisa para a formação de professores.

O estágio para a formação de professores tem se destacado na discussão sobre educação, pois vivemos em um mundo onde os sujeitos se diferenciam a cada tempo de vida, e o conhecimento docente deve estar inserido nessa mudança. Dessa forma, a pós-modernidade nos proporciona o pensar sobre as diferentes formas e concepções ligadas a educação, uma vez que a criança de hoje está inserida em um contexto de ordem capitalista, devendo ser pensada a partir da transformação de seu tempo, assim, temos o conhecimento que nos permite ampliar a visão de mundo e desenvolver saberes necessários para o melhoramento do ensino e aprendizagem.

Sabemos que se tratando de educação não devemos nos prender a conceitos que distancia a pesquisa do ensino, pois “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” (FREIRE, 2011, p.30). Nesse sentido, o estágio configura-se como uma investigação no qual contribui para o pensar

sobre a práxis, a partir disso podemos então decidir qual postura metodológica iremos exercer em sala de aula.

Diante disso, refletir a prática docente é observar as mudanças e os impactos diante da transformação dos saberes que envolve a educação. A aprendizagem que o estágio disponibiliza é um conhecimento a mais para aperfeiçoarmos nossas práticas educacionais, visto que estamos em processo de formação pedagógica.

Nesse engajar, o mesmo torna-se um instrumento válido para a abrangência de conhecimentos teóricos e metodológicos, na compreensão da escola e do ensino, permitindo conhecer e compreender a realidade escolar, sendo que essa aproximação é estabelecida a partir da troca e do compartilhamento de saberes teórico e prático adquirido no decorrer do curso de pedagogia.

Por saber que as escolas rurais obtêm recursos naturais propícios para a sistematização e consolidação do ensino e aprendizagem, optamos por um estágio distante da cidade e próxima do campo, onde as realidades se diferem, como o modo de vida, as relações, as vivências e os sujeitos.

O estágio foi realizado em uma escola rural no município de Parintins, segundo funcionários da escola, a mesma surgiu a partir das dificuldades em que os jovens, adolescentes e crianças tinham, pois iam estudar na cidade, alguns sem condução e, até mesmo, os perigos que os mesmos corriam no caminho, existiam muitos animais perigosos. Portanto, houve a necessidade de se criar uma escola para atender a população rural da comunidade.

Diante disso, o presente estágio na Educação Infantil teve como objetivos, aprimorar a prática em sala de aula, propiciar a aproximação da realidade profissional por meio da participação em situações reais de trabalho, envolvendo orientador, educadores, estudantes, pais e escola. Pimenta (1995, p.24) salienta que “a atividade teórico-prática de ensinar constitui o núcleo do trabalho docente”. Nesse contexto, pensamos que é tempo de refletir sobre quais práticas vamos escolher futuramente, quais as formas de agir dentro de uma sala com crianças da educação infantil, para o melhoramento do processo de ensino e aprendizagem.

Contudo, o estágio proporciona dimensões além do educar, a paixão de ensinar nesse momento deve florescer, ou não, isso significa que o estagiário pode ou não reconhecer-se como professor, essa reflexão se dá em todo o processo de estágio, já que é o momento privilegiado para o entendimento do ser mediador, visto que, as ações do estágio são organizadas visando a concretização do conhecimento das práticas de ensino.

2- O ESTÁGIO SUPERVISIONADO: UM OLHAR PESQUISADOR SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE.

A pesquisa é o eixo indispensável entre teoria e prática num sentido de validação do conhecimento, colaborando para a dinâmica educacional que percorre a transformação dos sistemas de ensino. Segundo Tavares, et.al. (2011, p.48) “considerando que hoje a prioridade do professor é a aprendizagem do aluno, a pesquisa constitui um instrumento eficaz, possibilitando os estudantes um exercício de produção intelectual em que lê, estuda, escreve, faz e refaz”. Diante disso, a oportunidade de pesquisa (estágio), proporcionou um novo olhar sobre as práticas educativas, no que se refere ao ensino na educação infantil.

Por isso, o acadêmico que se entrega integralmente ao exercício de pesquisar encontra subsídios necessários para sua formação profissional, pois compreendemos que “a pesquisa é componente essencial das práticas de estágio, apontando novas possibilidades de ensinar e aprender a profissão docente” (PIMENTA, 2004, p.114). Desta forma, a pesquisa e a investigação dentro do estágio tem o papel de alicerce para as futuras metodologias a ser empregadas pelo docente que esta em formação.

Desta forma, consideramos que o estágio é um processo de aprendizagem para os pedagogos em formação, pois em relação à pesquisa “não é possível que o professor tenha uma prática investigativa se sua formação não priorizou a investigação a partir da análise, da reflexão, da crítica e de novas maneiras de se educar” (BARREIRO; GEBRAN, 2006, p. 25). Desta maneira, o estágio supervisionado é necessário para o desenvolvimento de estratégias de ensino e de um olhar mais aprofundado a cerca das metodologias aplicadas pelos docentes observados. De acordo com Franco (2008, p. 110):

Deverá, por certo, ser preocupação do curso de pedagogia a formação de um pedagogo como profissional crítico e reflexivo, que saiba mediar as diversas relações inerentes à prática educativa e as relações sociais mais amplas, bem como articular as práticas educativas com a formalização de teorias críticas sobre essas práticas, sabendo detectar as lógicas que estão subjacentes às teorias aí implícitas.

Nesta perspectiva, o estágio supervisionado na educação infantil pode ser considerado instrumento de pesquisa e reflexão que orienta a ação pedagógica. Compreendemos que a pesquisa é a base para construção de conhecimentos a cerca da formação docente e viabiliza novos olhares, dando suporte a novas práticas educativas.

Assim, entendemos a necessidade do professor ser pesquisador e que constantemente se integre nas problemáticas reais de sala de aula, buscando metodologias capazes de inovar o ensino e aprendizagem.

3- METODOLOGIA

A Pesquisa em torno do trabalho docente teve a abordagem de cunho qualitativa, sustentada por Borges e Mourão (2012, p. 45) “em educação não podemos somente nos deter em aspectos quantitativos”. Ainda Chizzotti (2006, p.79), salienta que:

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo e o objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. [...]

Devido à abordagem, nos propomos a investigar de perto a realidade do contexto escolar utilizando a prática docente como uma aproximação entre os conhecimentos teóricos adquiridos na universidade, interligando os saberes e visando à identificação profissional.

Ademais, segundo o nosso propósito específico, utilizamos como técnicas de procedimentos a observação participante ativa, segundo Trigueiro (2014, p. 35) “nessa condição, o observador, além de se identificar, também revela sua intenção e qual será a forma de participação com o grupo que será observado”. Diante disso, realizamos nossa pesquisa de forma observável e participativa em todos os momentos presentes no estágio dentro de sala de aula e em laboratório de informática, onde as crianças tinham seus horários definidos por turmas.

Para a análise descritiva, realizamos as observações e o projeto de intervenção pedagógica, construído a partir dos conteúdos da proposta curricular da educação infantil, em vista de contribuir para um melhor aprendizado das crianças.

4- ANÁLISE DAS EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

O estágio nos auxiliou a compreender e resignificar saberes concatenados ao processo formativo, bem como, na construção de nossa identidade profissional. A universidade nos proporciona subsídio necessário para compreender a prática e refletir sobre a mesma a partir do estágio supervisionado I, garantindo vivenciar de perto a realidade escolar, “o professor, como

profissional que edifica saberes, forma opiniões e está diretamente atrelado ao ensino-aprendizagem, precisa refletir sua prática e concomitante a isto, buscar mecanismo capazes de alterar as discrepâncias observadas na sua prática atualmente” (LIMA, et. al. 2011 pág. 64). Nesse sentido, fornece pensamentos e ideias através da pesquisa, visto que é principalmente a pesquisa que nos movimenta para a transformação da prática, em um “amadurecimento” nas relações profissionais, pois “ao produzir conhecimento criamos o mundo, criam-se os mundos, as interpretações, os significados, os sentidos e a própria existência de um modo de sermos” (BORGES E MOURÃO, 2012, p. 16). Dessa forma, o estágio proporcionou um novo olhar sobre as práticas docentes, criamos significados a partir das vivências, visando uma relação proximal entre teoria e prática.

A seguir pontuamos reflexões acerca da prática em sala de aula na Educação infantil.

4.1- As experiências da prática docente na Educação Infantil.

Segundo Borges e Mourão (2012) A experiência é que nos permite refletir criticamente, isto ocorre porque ela não é nem pensamento e nem ação, mas a possibilidade de pensar duplamente sobre as formas de agir e estabelecer as práticas que nos instituem. Nesse sentido, a experiência de estágio na Educação Infantil, nos permitiu não só vivenciar as práticas em sala de aula, mas refletir sobre as mesmas criando novos saberes a cerca das práticas docentes.

No maternal, as práticas docentes são centradas em problemas reais das vivências dos alunos, como sua natureza, onde as crianças especificam o seu modo de vida, o seu ambiente, a moradia, a alimentação e os valores da comunidade, pois é possível ensinar e aprender com base nas suas representações sociais. Diante disso, torna-se cada vez mais importante entender o contexto e os saberes tradicionais das crianças, visto que são frutos das experiências vividas.

Nesse pensar, ao trabalhar o cotidiano das crianças e seus conhecimentos prévios, estabelecemos uma relação dinâmica entre o conhecimento popular e o conhecimento científico, tal dinamismo é construído naturalmente a partir da sistematização do conteúdo e do diálogo entre os diferentes saberes, logo, o diálogo pode alcançar objetivos de companheirismo, transcendendo os muros da escola e consolidando em um aprendizado para a vida.

A escola tem uma natureza linda e colorada, pronta para ser socializada, no entanto, nas aulas de Ciências Naturais o trabalho docente é realizado sem o contato com a natureza, diante de um ambiente propício para a contextualização de conteúdos. Nossa inquietação sobre essa problemática partiu da observação nas aulas de Ciências Naturais, no qual tinha como tema “o que é

natural e o que não é natural”, a professora resolveu levar as crianças para a sala de informática, onde passou imagens no computador para que as crianças diferenciassem o que é natural e o que não é. Acreditamos que a metodologia utilizada pela professora não se tornou significativa às crianças, pois segundo Gonzaga e Fachín-Terán (2011, p. 38) “para acontecer aprendizagem significativa, é necessário que a nova informação recebida interaja com informações que já se fazem presentes”, os conhecimentos naturais das crianças estão ligados ao ambiente em que vivem aos elementos de suas comunidades, como as árvores, os animais, as frutas, entre outros.

O estudo na sala de informática é importante para a consolidação dos conhecimentos das crianças, porém não é o único lugar de aprendizado, pensamos que para a socialização do conteúdo de ciências naturais a natureza ao redor da escola seria a opção mais aproximada da realidade das crianças rurais, visto que, as mesmas teriam o contato direto com o objeto do conhecimento, ou seja, iriam tocar sentir e visualizar de perto o que vem a ser natural, abrindo um leque para as possibilidades de descobertas a partir de suas curiosidades, favorecendo a aprendizagem significativa.

De acordo com Almeida e Fachín-Terán (2013, p.81), “Os espaços não formais têm se tornado uma importante estratégia para a educação científica e para a construção do conhecimento, pois as escolas por si só não são capazes de educar cientificamente e transmitir todo o conhecimento científico ao aluno”. Nesse contexto os professores de comunidades rurais podem utilizar esses espaços, que por sua vez, são fontes de descobertas, para a exploração de temas no Ensino de Ciências Naturais, buscando o desenvolvimento da prática nos conteúdos da disciplina, o importante é que o professor (a) crie novos espaços para que a criança tenha sempre o contato direto com a natureza.

4.2- Projeto de Ensino e aprendizagem na educação infantil

O projeto de ensino e aprendizagem foi realizado com dezesseis crianças entre quatro e cinco anos da educação infantil no turno vespertino. Utilizamos o conteúdo de ciências naturais: O corpo humano: cabeça, tronco, membros e órgãos do sentido. Para Le Bouch (1987) é importante o reconhecimento da imagem do seu próprio corpo, para poder encara-lo como conteúdo e estrutura.

O projeto teve início em sala de aula e término em ambiente educativo não formal, com o objetivo de desenvolver com a criança o reconhecimento das diversas funções do corpo humano; instigar a percepção de suas características corporais: diferenças e semelhanças; Criar com as crianças novos saberes através de atividades lúdicas, dinâmicas e brincadeiras utilizando a

interdisciplinaridade, “na interdisciplinaridade escolar, as noções, finalidades habilidades e técnicas visam favorecer, sobretudo, o processo de aprendizagem, respeitando os saberes dos alunos e sua integração” (FAZENDA, 2008, p.21). Com a interdisciplinaridade conseguimos unir conhecimentos de Ensino de Ciências Naturais, Ensino das Arte e Matemática, estabelecendo uma interrelação entre os conhecimentos prévios das crianças e o conhecimento sistematizado.

A aula teve início com músicas infantis referentes ao corpo humano, para interagirmos com as crianças e adentrar ao conteúdo de Ciências Naturais. Por conseguinte, realizamos a dinâmica do tesouro, proporcionando as crianças o reconhecimento de suas características, diferenças e semelhanças, fazendo com que a partir da dinâmica entendessem que cada pessoa possui sua particularidade e que estas precisam ser respeitadas.

A aplicação prática do projeto teve a abordagem lúdica e interdisciplinar, nessa perspectiva buscamos estratégias metodológicas que favorecesse o ensino e aprendizagem no que diz respeito ao ensino de ciências naturais. Utilizando o lúdico na prática de sala de aula estabelecemos uma relação dialógica entre o conteúdo e os conhecimentos prévios das crianças, possibilitando a expressão de ideias e pensamentos a cerca do corpo humano. As representações que as crianças tinham eram apenas de braços, pernas, olho, nariz, boca, ouvido, no entanto, ainda não possuíam a percepção da importância desses membros para suas vidas.



Figura 1: Atividade de quebra-cabeça
Fonte: Oliveira, 2015.

Dessa maneira, foram desenvolvidas as atividades de colagem, de quebra-cabeça, montagem de bonecos, visando mostrar para a criança que possuímos distinções e somos formados por partes,

que por sua vez compõem o todo.

Assim, como última parte do projeto, utilizamos os espaços educativos não formais, incluindo na atividade perguntas que reforçaram o assunto sobre o corpo humano e os órgãos do sentido. Diante disso, realizamos a brincadeira do caminho do pezinho, onde as crianças andavam, sobre os pezinhos e chegavam até a caixinha que estavam às perguntas relacionadas ao corpo humano, “a criança é alguém que aprende pela interação com o outro, pelo toque, pela busca e pela curiosidade” (GONZAGA E FACHÍN-TERÁN, 2011, p.38), assim, socializamos o conteúdo estudado em sala de aula com a interação direta das crianças tornando a aula prazerosa e dinâmica.



Figura 2: dinâmica do caminho dos pezinhos.
Fonte: Fonseca e Oliveira, 2015.

A forma inovadora da aplicação do projeto chamou bastante à atenção dos educandos e também da docente que observava a execução do projeto, principalmente quando foi utilizado como instrumento metodológico o espaço educativo não formal. Quando as crianças saíram da sala de aula houve uma felicidade enorme constatada pelos sorrisos estampados em seus rostos, o aprendizado tornou-se mais prazeroso, quando perguntamos às crianças se gostaram de estudar ao redor da escola uma criança respondeu: “*eu adoro, aqui dá pra respirar melhor*”. Em sua fala constatamos que o sentido de respirar estava ligado ao ar fresco da natureza, por isso Gonzaga e Fachín-Terán (2011, p.40,) ressaltam sobre a importância dos espaços educativos não formais para o aprendizado da criança:

Os espaços não formais de aprendizagem apresentam-se como uma oportunidade de aproximação da criança com a natureza, como caminho para um aprendizado em ciências significativo, uma vez que eles oportunizam a observação, e instigam a investigação, possibilitam o desenvolvimento da curiosidade, tanto de alunos quanto de professores.

Por tanto, os espaços não formais tornou-se de suma importância para o desenvolvimento do projeto, a docente ao avaliar o projeto de aprendizagem relevou a importância do uso desse espaço e a contribuição dele para o ensino e aprendizagem das crianças, acentuou que “*foi inovador para a aula de ciências trabalhar nesse espaço*”, dessa maneira refletimos que as metodologias inovadoras fazem a diferença na construção do conhecimento dos educandos, tornando-os mais interessados nas aulas, não sendo meros receptores de conteúdos.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O estágio na educação infantil possibilitou o estudo da teoria e da prática docente como elemento de formação pedagógica, visto que essa validação é indispensável para a sistematização de . A aproximação com o espaço escolar permitiu vivenciar e compreender dados do contexto escolar, conhecer as práticas de sala de aula foi de grande valia para a formação de nossas identidades profissionais, visto que ao longo do tempo as práticas vêm sendo renovadas, pondo em nosso caminho desafios e possibilidades de reinventar as práticas em sala de aula.

As metodologias trabalhadas pelos professores do ensino infantil nos aproximaram do conhecimento prático-teórico de uma realidade inserida em um contexto diferente das áreas urbanas. Todavia, faz-se necessário que a escola utilize não só os espaços de sala de aula, mas aqueles que também fazem parte do cotidiano do educando, como os espaços educativos não formais. Por isso, é necessário despertar o interesse dos educadores do campo sobre a importância desses espaços e sua dimensão educativa.

Acreditamos, portanto, na potencialidade de articulação de conceitos em ambientes naturais, talvez possamos então pensar na necessidade de construção de nossos projetos individuais, na cooperação de nossos saberes, e assim, talvez criemos estratégias que valorizem aos espaços educativos não formais para consolidação de conteúdos, visando sempre à aprendizagem do educando.

O estágio na educação infantil nos proporcionou conhecimentos a mais para a nossa formação profissional, bem como um melhor entendimento das metodologias utilizadas pelas professoras em suas aulas. Através do estágio conciliamos o aprendizado teórico e a prática docente, podemos dizer, que toda a prática utilizada pelas professoras no andamento da pesquisa adveio de uma teoria, que nem sempre eram sabidas pelas docentes, mas a base teórica estava implícita em todas as atividades realizadas com as crianças.

Assim, acreditamos que o estágio tornou-se ferramenta necessária e indispensável para nossa formação, visto que, todo o trabalho realizado envolveu a dedicação e o comprometimento pela paixão de ensinar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Danielle Portela de, FACHÍN-TERÁN, Augusto. Aprendizagem Significativa e seu uso em Espaços Não Formais. In FACHÍN- TERÁN, Augusto, SANTOS, Saulo César Seiffert. **Novas Perspectivas de Ensino de Ciências em Espaços Não Formais Amazônicos**. 1 ed. Manaus, AM: UEA edições, 2013.

BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas; GEBRAN, Raimunda Abou. Prática de ensino: elemento articulador da formação do professor. IN: BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas; GEBRAN, Raimunda Abou. **Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores**. São Paulo: Avercamp, 2006.

BORGES, Heloisa da Silva, MOURÃO, Arminda Rachel Botelho (orgs). **Metodologia da Pesquisa em Educação: Um estudo para Auxiliar na Formação de Professores (as) educadores (as) do Campo**. Manaus: UEA Edições, 2012.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 8 ed. – São Paulo: Cortez, 2006.

FAZENDA, Ivani (org.). **O Que é interdisciplinaridade?** . São Paulo: Cortez, 2008.

FRANCO, G.O **estágio supervisionado para profissionais do magistério e suas influências na prática docente**. Dissertação Mestrado. Universidade Estadual do Vale do Acaraú e Universidade Internacional de Lisboa. 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à Prática Educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 2011.

GONZAGA, Teixeira Leila, FACHÍN-TERÁN, Augusto. Espaços não formais: Contribuições para educação científica em educação infantil. In BARBOSA, Ierecê. [et.al.]. **Avanços e Desafios Em Processos de Educação Em Ciências Na Amazônia**. Manaus-UEA/Escola Normal Superior/PPGEECA, 2011.

LIMA, Eliane Batista de, [et.al.]. A concepção do professor pesquisador no Processo da investigação científica na visão docente. In BARBOSA, Ierecê. [et.al.]. **Avanços e Desafios Em Processos de Educação Em Ciências Na Amazônia**. Manaus-UEA/Escola Normal Superior/PPGEECA, 2011.

PIMENTA, Selma Garrido; GONÇALVES, C. L. **Reverendo o ensino de 2º grau, propondo a formação do professor**. São Paulo: Cortez, 1990.

PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores: Unidade entre teoria e prática?** INEP/Relatos de pesquisa- Série documental; nº25, maio/1995, p.16-25.

PIMENTA, Selma Garrido (org.). **O estágio e a docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

TAVARES, Maria Trindade dos Santos, [et.al.]. A pesquisa: possibilidade de reflexão e contribuição na construção do conhecimento. In BARBOSA, Ierecê. [et.al.]. **Avanços e Desafios Em Processos de Educação Em Ciências Na Amazônia**. Manaus-UEA/Escola Normal Superior/PPGEECA, 2011.

